# ANÁLISE DA MORTALIDADE POR CÂNCER DO COLO DO ÚTERO NAS REGIÕES BRASILEIRAS ENTRE 2022 E 2025

SENA, Mayara de[1]; MUSSY, Ana Beatriz Rodrigues[1]; NASCIMENTO, Bruna Raffler[1]; SILVA, Evelyn Rafaela Lunardelli[1]; GOMES, Vitória Ledo de Oliveira; TEODORO, Mariana Miziara de Abreu[2].

[1] Discente da Faculdade Uninassau Vilhena; [2] Docente da Faculdade Uninassau Vilhena;
[1]mayarasenamed@gmail.com

**Introdução:** O câncer do colo do útero permanece entre as principais causas de morte por neoplasias ginecológicas no Brasil, estando fortemente associado à infecção persistente pelo Papilomavírus Humano (HPV). Apesar da disponibilidade da vacinação contra o HPV e do rastreamento citopatológico, persistem desigualdades regionais relacionadas ao acesso aos serviços de saúde, favorecendo o diagnóstico tardio e maior mortalidade, especialmente em regiões socialmente vulneráveis. **Objetivo:** Analisar a mortalidade por câncer do colo do útero nas diferentes regiões brasileiras entre 2022 e 2025, identificando desigualdades regionais na distribuição dos óbitos e nas taxas de mortalidade. **Métodos:** Estudo ecológico, descritivo e quantitativo, realizado com dados secundários do DATASUS referentes aos óbitos por câncer do colo do útero no Brasil entre 2022 e 2025. Foram analisados o número absoluto de óbitos, a distribuição regional e as taxas de mortalidade por 100 mil mulheres, calculadas a partir da razão entre o número de óbitos e a população feminina de cada região. Realizou-se análise estatística descritiva. Entre as limitações do estudo, destacam-se possíveis subnotificações e inconsistências nos sistemas de informação. **Resultados e Discussão:** Entre 2022 e 2025, foram registrados 11.351 óbitos por câncer do colo do útero no Brasil. Observou-se distribuição heterogênea da mortalidade entre as regiões brasileiras. A Região Sudeste apresentou o maior número absoluto de óbitos (4.509), enquanto a Região Norte apresentou a maior taxa de mortalidade (15,3 óbitos/100 mil mulheres) em comparação à Região Sul (10,5/100 mil mulheres). Esses achados sugerem importante influência das desigualdades regionais no acesso ao rastreamento citopatológico, vacinação contra HPV, diagnóstico precoce e tratamento especializado. Além disso, fatores socioeconômicos, barreiras geográficas e limitações estruturais dos serviços de saúde podem contribuir para maior frequência de diagnósticos tardios e pior prognóstico em regiões mais vulneráveis. Diferenças regionais na qualidade dos sistemas de informação e possível subnotificação também devem ser consideradas na interpretação dos dados epidemiológicos. **Conclusão:** O câncer do colo do útero permanece como importante problema de saúde pública no Brasil, apresentando maior impacto em regiões socialmente vulneráveis. Os achados reforçam a necessidade de ampliar a cobertura vacinal contra o HPV, fortalecer o rastreamento citopatológico e garantir acesso ao diagnóstico e tratamento precoces, visando reduzir a mortalidade e as desigualdades regionais relacionadas à doença.

**Palavras-chave:** Saúde da Mulher. Neoplasias. Teste de Papanicolau.